



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Reler: Uma Apreciação Estética
<b>Autor</b>	CHARLES MAURÍCIO KRAY
<b>Orientador</b>	PAOLA BASSO MENNA BARRETO GOMES ZORDAN

Pouco interesse pela arte: muitos alunos não se sentem motivados em fazer pesquisas ou apreciar obras e artistas. Muitas podem ser as causas: a falta de acesso às obras originais, visitas aos espaços expositivos e contato com artistas. Diante destas impossibilidades, como fazer com que o aluno se sinta motivado? Estes desafios requerem atividades que possibilitem a apropriação da obra, isto é, o estudante tem a possibilidade ativa de participar de um processo de construção e reconstrução. Dar um novo significado mediante o fazer é um dos passos para resgatar o interesse pela obra e subsequentemente pelo artista. Sugerir atividades que não tenham caráter passivo, isto é, simplesmente olhar, mas olhar de outra forma. Diante de alunos desmotivados, talvez, o professor se encontre diante de um dos seus maiores desafios. Exigir interesse, propor atividades que tenham somente como resultado o conteúdo talvez não sejam, ou melhor, não seriam os primeiros passos para reverter esta situação. Sabemos que interesse é um impulso individual. Mas também existem atividades e interesses comuns aos seres humanos. A curiosidade é um bom exemplo. Ela motiva. Mas o que desperta a curiosidade? Neste trabalho vamos propor uma nova forma de ver uma obra de arte. Vamos reconstruí-la para novamente olhá-la.

Reproduzir uma obra mediante uma fotocópia preta e branca em tamanho A3 não seria a melhor forma de atrair olhares e interesses dos alunos. Mas como reverter a falta de qualidade estética de uma cópia? Sabemos que a maioria das obras são conhecidas através de uma cópia da original. Muitas vezes sua qualidade é baixíssima, como neste caso. No entanto, para esta atividade ela possui o básico, as linhas e seus contrastes. Um bastidor em tamanho A3 com um tecido de algodão grampeado em uma das faces do retângulo em madeira, por si só, desperta curiosidade. Faremos uma pintura? Pode ser uma das perguntas feitas pelos alunos. Um ponto de luz ou uma vela. Qual seria a pergunta? Diante destes materiais inusitados já despertamos algumas interrogações. Interrogação = interesse.

Vamos pegar uma obra conhecida do mundo das artes: a *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci. Temos sua reprodução em A3, seu bastidor e uma tesoura. Traçamos as linhas mais importantes em cima da reprodução e com a tesoura recortamos os traços criando linhas onde passará a luz do ponto ou da vela. A reprodução é grampeada nas costas do bastidor. Ao ligar o ponto de luz ou acender a vela o que teremos projetado no tecido em algodão cru? Uma releitura da *Mona Lisa* feita em sombras ou em linhas de luz, como queiram. Certamente o segredo não é mostrar o desenvolvimento da técnica. Primeiro se distribuem obras fotocopiadas em A3. Mostra-se o bastidor do professor e depois se projeta a obra, sem mostrar a fotocópia, deixando com que cada um a perceba em luz e sombra e a partir de então tenha uma experiência estética diferenciada de uma obra conhecida. Este primeiro passo tem como objetivo despertar uma outra qualidade estética na obra. Este despertar também irá despertar a curiosidade. Como criou-se este efeito? Mais perguntas, mais interesse. O primeiro passo foi dado, o segundo é a atividade. Diante do aluno há uma reprodução, talvez desconhecida para ele, mas repleta de possibilidades para uma reconstrução. Transformar, reconfigurar, refazer... palavras que incitam, que convidam, que motivam. Traçar as linhas é escolher as passagens de luz. É um elemento básico do desenho. Podemos com isso despertar o interesse por esta técnica, o desenho? Com estas passagens podemos aplicar um spray de tinta e teremos um estêncil.

Os resultados desta atividade podem ser muitos, como realmente aconteceram. O primeiro foi despertar a motivação em participar da atividade. Apreciação estética por meio de uma nova percepção de uma obra já conhecida. Pode ser uma obra desconhecida, mas mal reproduzida em fotocópia. O fato é que nos dois casos as obras se tornam potencialmente estéticas. Apropriar-se e abrir diálogos com outras técnicas como o desenho, o teatro de sombras e o estêncil. A pesquisa da vida e obra do artista como complemento da atividade impulsionada pelo interesse. Mais descobertas, mais interesse. Partimos de uma obra. Vista de forma diferente, podemos motivar o aluno a descobrir quem é o artista. Sendo assim, a atividade contempla a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa que preconiza, no ensino das artes, o ler (fruir), o fazer e o contextualizar.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.